

## Pintura ao quadrado

É sempre difícil para o espectador saber se ele entende exatamente aquilo que a obra exposta significa, ou se, no fim das contas, a obra é ou não eficiente na *exposição* de suas significações. E por vezes, num primeiro momento, o início da visita a uma galeria permeia esse diálogo interno, esse acordo, entre aquele que vê e aquilo que é visto.

Nas obras de Maria Lucia Cattani esse diálogo segue muito bem, pois através de sua pintura atraente é possível visualizar, aos poucos, tais sinais. Por baixo de cada camada é possível descobrir cada procedimento, cada percurso cromático de um vocabulário escrito pelos gestos que a artista insiste em imprimir; e, pelo caminho inverso, por cima de cada camada vão sendo revelados os sistemas que produzem, ora juntos, ora separados, uma pintura que não se compõe num mesmo plano do suporte, mas no olho de quem a vê.

Seguindo por esse caminho, a relação com o espectador corre paralela a uma construção ficcional – seja pela ficção da parede, que esteve, anteriormente, no trabalho, seja pelas ilusões narrativas que o papel e a tela sugerem – que propõe uma pintura no lugar de outra, que cria um espaço redimensionado a partir de outro, construído não pela liberdade do gesto, mas pelos limites predeterminados pela artista. Sob a leveza e beleza das cores, há uma ação elaborada dentro de muitas regras invisíveis; suas pinturas são, na verdade, suportes de equações matemáticas, de estruturas que obedecem a uma lógica gravada através do corte e da cor. Quadrados dentro de quadrados, multiplicados pela repetição dos carimbos, divididos em espaços fixos, subtraídos pelos gradientes de profundidade que se somam no olhar do espectador.

E então, será que vemos as reais pinturas que estão expostas? Provavelmente não. Mas daí a necessidade de olhar várias vezes, de percorrer com cuidado o espaço da galeria, sabendo que estaremos sempre diante de duas dimensões pictóricas distintas, de dentro e de fora, pinturas ao quadrado.

Alexandre Dias Ramos